

FRACA PARTICIPAÇÃO DAS UNIVERSIDADES PORTUGUESAS Programa "Erasmus" promete agitação na Europa

F. Soares
Dotação de «Tempo»
em Bruxelas

Os estudantes universitários europeus têm diante de si cada vez maiores perspectivas de ampliar os seus estudos em escolas superiores de outros países da CEE, se se consolidar o êxito obtido em 1987 com o programa Erasmus, destinado a promover a cooperação interuniversitária e a mobilidade estudantil. Os portugueses, apesar da sua fraca participação verificada o ano passado, também vão estar na «onda» que, segundo um responsável destacado em Bruxelas, este ano poderá constituir o princípio de uma revolução no campo do conhecimento.

Embora contando com apenas cerca de metade da verba pedida para os três primeiros anos (a Comissão Europeia propôs inicialmente uma dotação de 175 milhões - qualquer coisa como 30 milhões de contos - mas o Conselho de Ministros reduziu-a a 85 milhões) o Erasmus promete, com efeito, agitar a Europa, tal é o entusiasmo que se está a verificar à sua volta.

«O programa afecta estudantes, familiares destes e professores, em termos de mobilidade na Europa, razão porque não

se custa nada acreditar que ele vai provocar uma grande agitação a nível de troca de ideias e de experiências e da absorção de outras culturas» - sublinhou um membro da Representação Permanente de Portugal em Bruxelas.

Grande êxito

Um parecer aprovado recentemente pela Comissão Europeia sobre o primeiro ano de funcionamento do Erasmus já tinha dado conta de que este programa, iniciativa do comissário europeu Manuel Marin, tinha obtido um grande êxito, superior mesmo ao esperado por aquele órgão representativo dos Doze.

O documento destaca a apresentação total de 868 programas interuniversitários de cooperação, dos quais 398 beneficiaram da ajuda comunitária, no tocante a bolsas para estudar noutros países da CEE, concedidas a cerca de três mil estudantes, a visitas de estudo e ao desenvolvimento de projectos de dimensão europeia promovidos pelas associações universitárias.

Não há dúvida, portanto, de que as universidades da Comunidade souberam aproveitar bem as oportunidades postas ao seu alcance, ultrapassando, como refere e comemora, o número previsto de pedidos de bolsas de estudo.

Face ao entusiasmo suscitado

pelo Erasmus em toda a Europa comunitária, a Comissão não deixou de chamar a atenção para os resultados, os quais, no seu entender, vieram demonstrar que a sua proposta inicial de financiamento «era bem realista».

O parecer reconhece, no entanto, a existência de algumas dificuldades, como a modesta resposta das universidades de alguns países à realização de Programas de Cooperação Interuniversitária (PIC), dado que algumas disciplinas, entre elas a medicina e as ciências naturais, não foram incluídas nos projectos apresentados.

Modéstia lusitana

Foi o caso das universidades portuguesas, as quais, por várias razões, mostraram-se pouco participativas no primeiro ano, não tendo chegado sequer a reflectir o seu interesse potencial na iniciativa do comissário europeu Manuel Marin.

Um atraso na decisão da Comissão terá sido uma das causas da modéstia lusitana. Mas houve outros motivos, segundo a mesma fonte: «A repetição da prática anterior, que não foi fácil, e o desconhecimento do assunto, por parte dos estudantes, devido a problemas de circulação interna de informação nas universidades.»

Explicando melhor: «A docu-

mentação enviada pela Comissão Europeia às universidades (verificaram-se situações semelhantes noutros países da Comunidade) não passou das retóricas», como se o corpo docente das escolas não tivesse para integrar as mesmas e a informação vinda de Bruxelas as destinasse apenas aos reitores.

Para evitar que o caso se repita em Portugal ou em qualquer outro Estado membro, a Comissão das Comunidades está a pensar em adoptar uma solução bastante mais reconhecendo. Trata-se da nomeação, dentro de cada universidade, de «homem Erasmus», a quem será confiada a implementação do programa a nível interno.

Mais bolsas

De registar, no entanto, que as universidades portuguesas já deram sinais de maior vitalidade, ao qualificar para este ano o número de PIC de anterior. Isto significa que as bolsas de estudo também vão aumentar, em relação a 1987, passando a haver, em princípio, mais estudantes lusos em escolas superiores estrangeiras.

Dos 36 PIC apresentados, Portugal obteve ajuda comunitária para participar em 20, o que, no entender da mesma fonte, «constitui uma acção muito razoável e mostra qualidade posta na elaboração dos pedidos». Os fundos atribuídos ascendem a 69 mil ecus.

Bastante menos receberam a Irlanda (39 mil) e a Dinamarca (29 mil), «apesar de apresentarem um número bastante superior de pedidos». Além, estas dois países figuram, ao lado da França e da Grã-Bretanha, entre os mais interessados em participar no Erasmus.

Mais prudentes foram as universidades espanholas, mais a que não são estranhas o comportamento descomplicado e até agressivo do país vizinho em Bruxelas: receberam 490 mil ecus (cerca de 70 milhões de pesetas) destinados a bolsas de estudo e lograram uma ajuda comunitária para participar em 91 dos 160 PIC que apresentaram.

rel. Interuniversitárias - Prog. Erasmus